

Territórios do Cotidiano: a Prostituição de Rua na Região Central de Curitiba (PR)

Territorios de la Vida Cotidiana: la Prostitución Callejera en la Región Central de Curitiba (PR)

Territories of Daily Life: Street Prostitution in the Central Region of Curitiba (PR)

Rafael da Silva Tangerina

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: rafaterra@yahoo.com.br

Adilar Antônio Cigolini

Universidade Federal do Paraná (UFPR). Programa de Pós-Graduação em Geografia.

E-mail: adilar@ufpr.br

Recebido: 14 de novembro de 2017 Aceito: 19 de março de 2018
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

Resumo - Este estudo, de caráter exploratório e qualitativo, procurou compreender a prática e a dinâmica da prostituição de rua na região central de Curitiba - capital do estado do Paraná, pelo viés de suas espacialidades e relações socioterritoriais. O trabalho de campo colocou-se como um dos pilares metodológicos, além da pesquisa bibliográfica e documental. Buscamos delimitar e analisar os territórios de atuação de prostitutas, michês (garotos de programa) e Trans (travestis e transexuais profissionais do sexo), marcados por limites e desdobramentos de suas territorialidades que, por sua vez, estão em um processo permanente de (re)construção e (re)organização frente ao campo de forças que atua na dinâmica do espaço intra-urbano. Considerando o território, prioritariamente, como um conjunto de relações sociais, um campo de forças do poder espacializado, constatamos que diferentes segmentos da prostituição de rua territorializam por certo período de tempo, ruas, praças, avenidas e um parque público cravado no centro da cidade. Em suma, verificamos que os diferentes segmentos da prostituição de rua criam condutas e códigos internos de ação cotidiana visando manter suas práticas atuantes e que, ao promoverem a territorialização de espaços públicos de uso livre e comum, reafirmam suas identidades por meio destes territórios, caracterizando-os como reflexo e condicionante para a reprodução das relações sociais de poder.

Palavras-chave: Prostituição; Espaço urbano; Território; Curitiba.

Resumen - Este estudio, de carácter exploratorio y cualitativo, intentó comprender la práctica y la dinámica de la prostitución callejera en la región central de Curitiba - capital del estado de Paraná, por el sesgo de sus espacialidades y relaciones socioterritoriales. El trabajo de campo se colocó como uno de los pilares metodológicos, además de la investigación bibliográfica y documental. En el caso de las mujeres, se observó que la mayoría de las personas que se encontraban en el mercado de trabajo, se encontraban en un proceso permanente de (re) construcción y (re) organización frente al campo de fuerzas que actúa en la dinámica del espacio intraurbano. En cuanto al territorio, prioritariamente, como un conjunto de relaciones sociales, un campo de fuerzas del poder espacializado, constatamos que diferentes segmentos de la prostitución de calle territorializan por cierto período de tiempo, calles, plazas, avenidas y un parque público clavado en el centro de la ciudad. En suma, verificamos que los diferentes segmentos de la prostitución callejera crean conductas y códigos internos de acción cotidiana para mantener sus prácticas actuantes y que, al promover la territorialización de espacios públicos de uso libre y común, reafirman sus identidades por medio de estos territorios, caracterizando -los como reflejo y condicionante para la reproducción de las relaciones sociales de poder.

Palabras-clave: Prostitución; Espacio urbano; Territorio; Curitiba.

Abstract - This exploratory and qualitative study sought to understand the practice and dynamics of street prostitution in the central region of Curitiba, capital of the state of Paraná, due to the bias of its spatiality and socio - territorial relations. Fieldwork has become one of the methodological pillars, as

well as bibliographical and documentary research. We seek to delimit and analyze the territories of prostitutes, michês (boys of program) and Trans (transvestites and transsexual sex workers), marked by limits and unfolding of their territorialities that, in turn, are in a permanent process of (re) construction and (re) organization in front of the force field that acts in the dynamics of the intra-urban space. Considering the territory, primarily as a set of social relations, a field of forces of spatialized power, we find that different segments of street prostitution territorialize for a certain period of time, streets, squares, avenues and a public park spiked in the center of the city. In short, we have verified that the different segments of street prostitution create behaviors and internal codes of daily action in order to keep their practices active and, by promoting the territorialization of public spaces of free and common use, reaffirm their identities through these territories, characterizing as a reflection and conditioning for the reproduction of social relations of power.

Keywords: Prostitution; Urban space; Territory; Curitiba.

Introdução

A Geografia contemporânea considera a existência de territórios de grupos sociais urbanos dos mais diversos e variados tipos, que não são subordinados diretamente a qualquer tipo de lógica estatal. Neste estudo, atentaremos para os territórios da prostituição de rua em seus diversos segmentos, na região central de Curitiba, capital do Estado do Paraná.

Importante destacar que a prostituição é um daqueles fenômenos sociais fortemente carregados de valores, opiniões, preconceitos e estereótipos e investigá-la requer inúmeros cuidados, habilidades e certo jogo de cintura na tentativa (nem sempre bem sucedida) de evitar armadilhas durante a trajetória de pesquisa.

Destacamos que, embora esteja fortemente atrelado ao espaço, tal fenômeno é pouco trabalhado na Geografia, sendo mais estudado em outros campos das Ciências Humanas e Sociais como Psicologia, História, Sociologia e Antropologia e também nas Ciências da Saúde. Diante disso, acreditamos que reconhecer a relação territorial que os diferentes segmentos da prostituição de rua possuem com os seus espaços, particularmente pela análise da apropriação de espaços públicos comuns e livres, nos permita enriquecer o conhecimento sobre o território enquanto categoria de análise, já que tende a propiciar uma reflexão que vai além da visão clássica fundamentada, sobretudo, no âmbito do Estado-Nação.

No entanto, é de suma importância que se leve em consideração a complexidade que envolve o referido fenômeno e o próprio desafio de se trabalhar com uma atividade historicamente estigmatizada e marginalizada, tendo exigido de nossa parte, práticas de investigação bastante cuidadosas, tanto no que se refere a questões operacionais, em especial no trabalho de campo, como em questões éticas que envolvem pesquisas com seres humanos, ainda mais se considerarmos elementos inerentes à referida atividade como a discriminação, o anonimato e, não raramente, o sigilo por parte dos participantes da pesquisa.

Neste estudo, espaços públicos de uso livre e comum situados na região central de Curitiba, são analisados por meio da atuação de diferentes segmentos da prostituição de rua.

Conforme Ribeiro e Mattos (1996), em estudo que foi inspirador sobre a prostituição em espaços públicos na área central da cidade do Rio de Janeiro, para uma grande parte da sociedade, essas áreas estão associadas a verdadeiros territórios do medo e da segregação. Visando uma leitura abrangente sobre os territórios da prostituição e uma análise que não se limite a questões meramente locais, torna-se necessário verificar como os conceitos de espaço e território se articulam e se solidarizam ante a avaliação da realidade do fenômeno em sua complexidade.

Esperamos que esta pesquisa possa trazer aportes para incentivar o desenvolvimento de novas investigações sobre o temário, na medida em que pode representar uma contribuição ao entendimento do complexo campo de forças que atua na dinâmica do espaço e da sociedade urbana.

Fundamentação Teórica

Diante de questões cruciais da Geografia Humana, no que se refere às dimensões da relação sociedade-espaço, acreditamos que relações sociais são sempre espaciais e existem a partir da construção de espacialidades. Assim, podem ser objeto de valiosos estudos, em virtude da enorme complexidade e dos conflitos que apresentam. Como apontado por Corrêa (2005:145), o interesse dos geógrafos pelo espaço urbano se dá pelo fato de este ser “[...] fragmentado, articulado, reflexo e condição social, bem como campo simbólico e arena de lutas”.

Podemos dizer que a multiplicidade de elementos é uma das características mais marcantes presenciadas na metrópole contemporânea. Esta constatação, atrelada a discursos e práticas preconceituosas e discriminatórias, acarretam à existência de impasses e tensões no cotidiano da urbe.

De acordo com Goffman (1988), a sociedade estabelece meios de categorizar pessoas e definir atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. O autor explica que os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas.

A partir desta premissa, o estigma em sua relação com a prostituição, será utilizado em referência a um atributo profundamente depreciativo. Colocamos em relevo os ensinamentos de Goffman (1988) sobre a construção do estigma. Para ele, este termo refere-se a:

[...] pré-concepções que são transformadas em expectativas normativas, definindo-se como exigências sociais apresentadas de forma rigorosa. Assim, a estigmatização desconsidera quaisquer aspectos bons que determinada pessoa ou grupo possa ter e foca apenas os ruins, e dessa forma diminui a pessoa estigmatizada, reduzindo seu valor. Assim, uma das características essenciais do estigma é a intensidade do seu efeito de descrédito, sempre desproporcional e muito grande, pois trata-se de uma discrepância entre a identidade social virtual dessa pessoa e sua identidade social real. (GOFFMAN, 1988:13).

Assim, os conflitos passam a ser comuns, permitindo que o geógrafo faça uma leitura de um campo de lutas composto de áreas consideradas socialmente respeitáveis e outras como errantes a partir dos embates realizados pelos variados atores e agentes sociais.

Esclarecemos que a prostituição consiste em uma relação sexual entre pessoas em que o vínculo determinante não é o afeto ou o desejo recíproco, mas sim, o ato de proporcionar prazer sexual em troca de dinheiro e/ou outros valores. Sua existência permanente nas cidades brasileiras vem sendo discutida em diversas perspectivas teóricas e, mais recentemente, na Geografia, por meio de estudos como o de Ribeiro e Mattos (1996), Campos (2000), Silva (2000), Ornat (2008; 2011), Alcântara (2009), Lima (2010), Pimentel e Barbosa (2010), Ribeiro e Oliveira (2011) dentre outros. Assim, nas últimas décadas, esse tema vem ganhando visibilidade na academia, colocando elementos para pensar as territorialidades principalmente das pessoas envolvidas na chamada prostituição de rua. Em concordância com essa linha de pensamento, Souza (1995; 2013) salienta que o conceito de território pode e deve ser aplicado nas mais diferentes escalas e situações, inclusive àquelas do cotidiano.

De acordo com este autor, dar a devida atenção ao que se passa com o mundo da vida, ou em outras palavras com o cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais, nos leva a

observar e considerar, em matéria de campo de força do poder espacializado, realidades espaço-temporais bem diferentes da aparente fixidez das fronteiras estatais. Souza (1995; 2013) exemplifica tal argumento, tomando como referência as grandes cidades contemporâneas, que apresentam possibilidades de inúmeras práticas espaciais ocorrendo em uma escala geográfica reduzida, denominada por ele de nanoterritórios, em que as fronteiras englobam uma rua ou um trecho de rua, sendo essa a escala, por excelência, dos oprimidos e de suas táticas, com suas resistências cotidianas inscritas no espaço ou expressas espacialmente.

Para Gomes (2006), em seu ensaio sobre uma geopolítica urbana, o território é considerado parte de uma extensão física do espaço, mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de um poder. Ele é assim uma parcela de um terreno utilizada como forma de expressão e exercício do controle sobre outrem. Por meio deste controle “[...] é possível à imposição das regras de acesso, de circulação e a normatização de usos, de atitudes e comportamentos sobre este espaço”. (GOMES, 2006:13). Este controle do território é a expressão de um poder, ou seja, ele é aquilo que está em jogo em grande parte das disputas sociais, aí incluídas aquelas que disputam um direito à cidade. Já, a territorialidade é vista por Gomes como o “[...] conjunto de estratégias, de ações, utilizadas para estabelecer este poder, mantê-lo e reforçá-lo”. (GOMES, 2006:13).

Ribeiro e Mattos (1996) esclarecem que no caso da prostituição, uma rua, um conjunto de ruas, uma praça ou um parque público pode ser um território, durante certo período de tempo e isso ocorre porque o indivíduo, ou um determinado grupo de pessoas, ao se apoderar de um local, cria um território. No entanto, os autores explicam que para estes territórios poderem existir como tal, é necessário um esforço constante para sua instalação e manutenção.

Para os autores, o espaço se torna um território desde que seja tomado por uma relação social de comunicação, onde seus atores (prostitutas, michês e travestis, bem como eventuais clientes) se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo.

Espaço, Território e Prostituição

Massey (2008) reconhece o espaço “como dimensão do social” (p.15) em processo de construção e que se constitui a partir de interações e da “coexistência da heterogeneidade” (p.31). Em decorrência de questões inerentes ao temário desta pesquisa, consideramos necessário, tecer em linhas gerais os pressupostos apresentados e defendidos pela autora.

O propósito central de Massey (2008) ao propor uma nova política da espacialidade, é construir uma nova imaginação de espaço, diferente daquelas construídas no pensamento ocidental durante a modernidade – mas também agora, na pós-modernidade –, que sempre o viram como morto, fixo, atemporal. Retirado desse quadro conceitual que o associava a tudo que é estático, o espaço em Massey é pensado a partir de outro conjunto de ideias, como inter-relação, contemporaneidade dinâmica, abertura radical, heterogeneidade.

O ponto central dos argumentos apresentados é que o termo espaço está enraizado em nosso meio com diversos significados aquém da real essência dessa palavra. Para a autora, a imaginação do espaço sofre influências de correntes filosóficas, que dão uma amplitude que “invalidam sua completa inclusão na esfera do político” (p. 39). Para ela, o espaço tem um potencial político, e ao passar pelos antigos significados e associações a ele inerente, propõe a interpretação do espaço como uma produção aberta e múltipla. São levantadas questões quanto à heterogeneidade das formas, a compreensão da diferença e dos conflitos. Faz-nos pensar sobre uma “política relacional para um espaço relacional” (p. 98). A autora aponta que há uma heterogeneidade simultânea, em que a espacialidade cria-nos um anseio para compreender o amplo sentido do social. O espaço se faz e refaz porque as relações geram um processo de construção.

Para a autora, o espaço deve ser visto como produto de inter-relações, como esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, e sempre em construção e, portanto, aberto, inacabado. Para Massey, pensar o espaço dessa forma é muito mais do que afirmar que o espacial é político, é abrir a geografia e a discussão espacial em direção a um diálogo com as principais vertentes da política progressista contemporânea e as teorias pós-coloniais.

Para ela, reconhecer a heterogeneidade e a multiplicidade só é possível pela consideração da espacialidade, que é a esfera que permite a contemporaneidade radical da diversidade e as suas relações. Trata-se de reconhecer a coexistência de outros, com trajetórias históricas próprias; trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam, formando assim o espaço a partir dessas relações.

No que diz respeito ao território, o consideramos como espaços de ação e poder (poder relacional entendido como a capacidade de decidir sobre determinada área), onde seu exercício se faz pelo conteúdo do espaço (transformado em território). São necessários, pois constantes esforços (demonstração e utilização de poder) no sentido de manter o território pelo grupo que detém o poder.

Haesbaert (2002) alerta que no entrecruzamento contemporâneo de múltiplas vertentes teóricas, questiona-se cada vez mais a dicotomia material/ideal, e o território é entendido como envolvendo ao mesmo tempo “a dimensão espacial material das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o imaginário geográfico” (HAESBAERT, 2002:14).

Diante deste cenário, territorializar significa criar mediações espaciais que proporcionam poder (multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de dominação e/ou de apropriação) sobre a reprodução dos indivíduos e grupos sociais (HAESBAERT, 2002). O território pode ser então concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, não sendo possível conceber territórios puros (HAESBAERT, 2002).

Em concordância com Haesbaert, Saquet (2003) destaca que uma questão fundamental nesta reflexão é reconhecer as interfaces e as interligações existentes entre as diferentes dimensões do território. O processo de apropriação do território é econômico, político e cultural, no qual, a natureza exterior ao homem está presente e é influente. O território é então o resultado e a condição desta articulação e unidade.

Quando mencionamos a existência de territórios da prostituição no centro de Curitiba, remetemos a frações do urbano, explícita ou implicitamente demarcadas e controladas por determinadas ações, que por sua vez são produtos da correlação de forças ou diferenças que se estabelecem para com o outro. Neste contexto, Haesbaert (2006) fez uma observação interessante à identidade metropolitana e mostra o quanto é complexa a convivência entre os indivíduos no meio urbano:

Somos estranhos uns aos outros, mas buscamos constantemente resguardar um espaço dentro da urbe, onde sejamos comuns e conhecidos, onde nossos signos encontrem reciprocidade. Somos habitantes desta confusa rede metropolitana, mas forjamos uma cartografia particular de seu traçado. Nossos roteiros e deslocamentos se inscrevem em um intrincado jogo de disputas, proibições e limites espaciais. Há lugares de passagem, há os de permanência, há também os horários convenientes e os espaços completamente proibidos ou vedados. (HAESBAERT, 2006:94).

Partimos do pressuposto geral de que toda a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. Se toda a identidade territorial é obviamente, uma identidade social, nem toda identidade social,

toma, obrigatoriamente, como uma de suas referências centrais, o território. (HAESBAERT, 1999: 172).

Ainda segundo o mesmo autor, todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelece no campo, tecendo seu laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais.

Já Soja (1971) explica que a territorialidade dos grupos humanos pode ser estruturada por três elementos: um sentido de identidade espacial, um sentido de exclusividade e uma compartimentação da interação humana no espaço. As territorialidades, nesse sentido, podem contribuir com o processo de reprodução do idêntico (do ponto de vista dos sujeitos e grupos sociais), bem como, no âmbito da repetição de estilos, padrões e comportamentos. As territorialidades se expressam, portanto, a partir das práticas espaciais (dos diferentes sujeitos e grupos sociais) que se efetivam durante o uso do território e, de um modo geral, corroboram, em maior ou menor grau com o processo de produção do território.

Cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão de outros tipos de mercados do sexo e de outros atores sociais. Nessas áreas, a dimensão espacial e o controle territorial são peças-chaves para se obter poder (RIBEIRO e MATTOS, 1996). Isso porque a territorialidade reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade. (RAFFESTIN, 1993).

Os territórios a quais estamos nos referindo, são compostos basicamente por bancos de praças, marquises e principalmente pelas calçadas, que é por onde transitam prostitutas, michês e trans profissionais do sexo. Souza (1995) salienta que são através desses movimentos que se delimitam os espaços de cada grupo. No entanto, esses territórios possuem pontos específicos de ação, como cinemas, mictórios, postos de gasolina, bares e principalmente hotéis de alta rotatividade o que corresponde, segundo o autor, a um processo de especialização territorial.

Materiais e Métodos

A dificuldade em encontrar um método e técnicas para a Geografia Humana é um desafio para quem trabalha com o social devido à dinâmica e a velocidade de transformações que o espaço social sofre. Concomitante a isto, estudos recentes tem se preocupado com aspectos metodológicos e éticos de pesquisas que envolvem seres humanos, em especial, aqueles pertencentes a grupos minoritários e marginalizados como é o caso da prostituição de rua.

A opção metodológica de análise das informações, provenientes dos diferentes segmentos da prostituição, teve como fundamento, além do levantamento bibliográfico e documental, o trabalho de campo no qual se incluiu diferentes técnicas de observação, anotações e gravações em diário de campo, mapeamento e registro fotográfico, além de entrevistas com prostitutas, michês e Trans profissionais do sexo que ocorreram durante o segundo semestre de 2015 e primeiro e segundo semestre de 2016. Também foram realizadas conversas informais com diferentes atores sociais e levantamento de notícias e reportagens vinculadas em meios de comunicação de grande circulação na cidade.

Salientamos que sendo a Geografia uma ciência de natureza espacial, o trabalho de campo se constitui, historicamente, como uma característica marcante de tal área do saber. Sobre a sua importância Marconi e Lakatos (2009: 69), entendem que “[...] a pesquisa de campo permite que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxilia na determinação das variáveis e na elaboração do plano geral da pesquisa”.

Já Suertegaray (2002) esclarece que a pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Essa interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação e sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento alimenta o processo na medida em que desvenda as contradições e que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Duarte (2002) por sua vez, escreve que uma pesquisa de campo é uma busca feita por um pesquisador, cujo olhar dirige-se para locais já conhecidos por muitos, mas, sempre, com uma maneira diferente de olhar e de pensar determinada realidade a partir da experiência e da apropriação do conhecimento, que são muito pessoais.

Concebe-se, portanto, o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo.

Durante a trajetória da pesquisa, nos deparamos com alguns desafios imprevistos envolvendo diferentes situações em campo, exigindo de nossa parte muita cautela, humildade e reflexão na coleta de informações junto aos profissionais do sexo que colaboraram com a pesquisa. Candidato? Policial? Jornalista? Investigar a prostituição desperta grande interesse, mas também, desconfianças. Estar e principalmente permanecer no campo, não é algo simples. Como alertado por Alcântara (2009) a presença de um estranho nestes territórios modifica a ele mesmo e as pessoas com as quais interage, seja de forma explícita ou implícita. Ao mesmo tempo em que observamos a disposição dos sujeitos e a dinâmica do espaço, somos observados e percebidos como os de fora.

Passar-se por transeunte ou usuário de espaços públicos que são territorializados pelos diferentes segmentos e frequentar bares próximos aos pontos de prostituição, possibilitou contato inicial com a espacialidade do fenômeno, assim como conversas informais com outros trabalhadores frequentes dos mesmos locais (taxistas, garis, lojistas, garçons, feirantes, vendedores ambulantes). Nas observações noturnas, percorrer os territórios de carro, também se colocou como estratégia pertinente. Nestas ocasiões, os locais previamente selecionados, foram percorridos de duas a três vezes por noite. Procuramos não utilizar com frequência o mesmo veículo com o intuito de não ficarmos marcados, assim como, ter a companhia de auxiliares.

Em qualquer período do dia estar de posse de documentos que comprovem o vínculo do pesquisador com a universidade (como uma carta de apresentação), pode fazer a diferença em situações inesperadas, já que grande é a possibilidade de interpelação por parte de guardas/policiais ou olheiros curiosos e/ou incomodados com a presença de um estranho.

Um dos primeiros impasses que surgiu durante o campo foi a possível influência de um pesquisador reconhecido interferir na dinâmica do fenômeno. A literatura de referência considera que a presença do pesquisador não é suficiente para inviabilizar a representatividade do método, porém alega que esta presença pode ter impacto em situações específicas. Assim, adotamos a observação não-participante como técnica, com o intuito de não interferir na dinâmica do fenômeno e não prejudicar o trabalho das pessoas envolvidas.

Resultados e Discussão

Partindo dos ensinamentos de Castro (1995) convém destacar que qualquer fenômeno observado, dependendo da escala de análise, ganha um sentido totalmente particular. Castro (1995: 130) acredita que “tanto a relação como a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno estejam incluídos na noção de escala”. Para a análise dos territórios, consideramos sua dimensão espacial no centro expandido da cidade, no entanto, esta

escala maior será mais bem compreendida em sua correlação com escalas geográficas menores como trechos de ruas e avenidas, praças e parques.

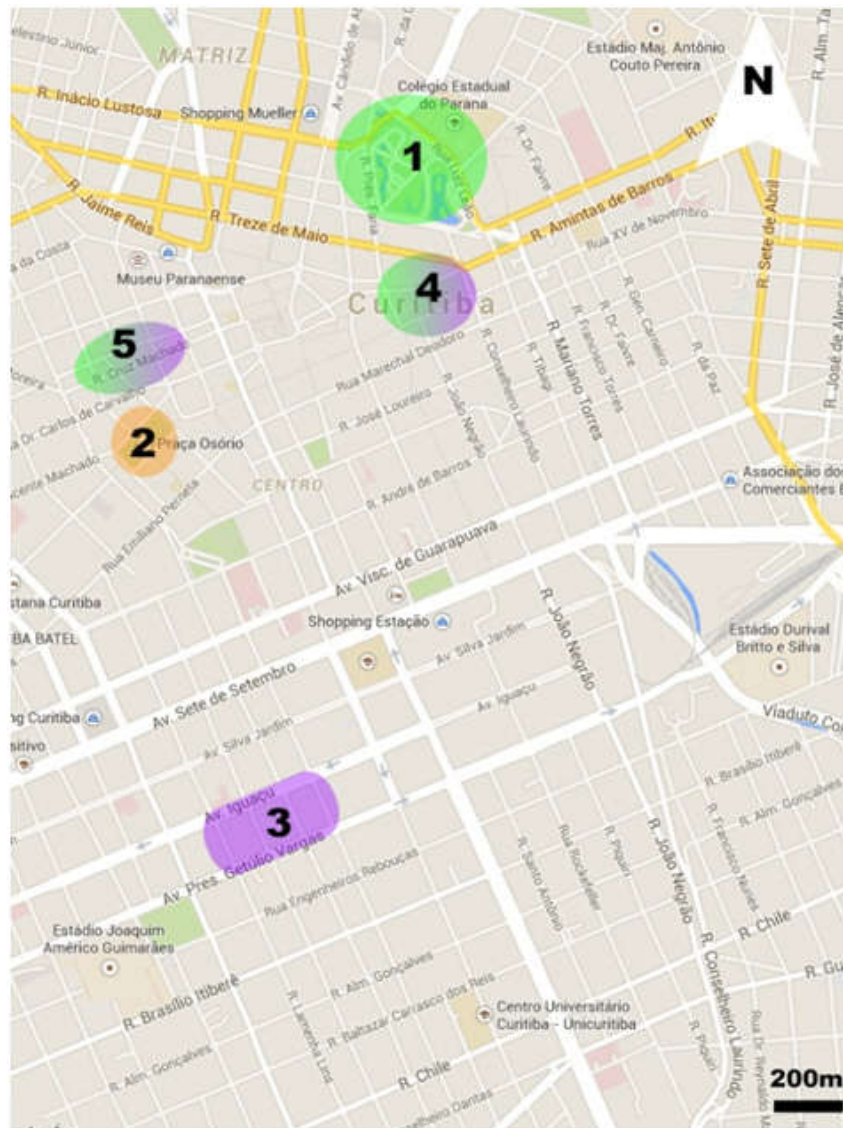
Embora a prostituição em seus mais variados tipos e categorias esteja dispersa pela cidade de Curitiba, os territórios de rua do centro da cidade selecionados para esta pesquisa (Figura 1), foram os seguintes: 1) Parque Municipal Passeio Público; 2) Praça Osório; 3) Praça Ouvidor Pardiniho; 4) Rua Riachuelo e 5) Rua Cruz Machado. Estes territórios foram selecionados durante o trabalho de campo, onde consideramos a representatividade que estes possuem junto aos diferentes segmentos da prostituição de rua, além de diversas evocações a eles relacionadas na mídia local nos últimos anos. Todos eles, em dia de maior movimento, são ocupados no mínimo por quinze profissionais, sendo este número bastante variável dependendo do dia e horário.



LEGENDA:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 - PARQUE PASSEIO PÚBLICO | DIURNO |
| 2 - PRAÇA OSÓRIO | DIURNO E NOTURNO |
| 3 - PRAÇA OUVIDOR PARDINHO | NOTURNO |
| 4 - RUA RIACHUELO | DIURNO E NOTURNO |
| 5 - RUA CRUZ MACHADO | NOTURNO |

Figura 1: Territórios em Escala Temporal
Fonte: autor (2017)



LEGENDA:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 - PARQUE PASSEIO PÚBLICO | ● PROSTITUTAS |
| 2 - PRAÇA OSÓRIO | ● MICHÊS |
| 3 - PRAÇA OUVIDOR PARDINHO | ● TRANS |
| 4 - RUA RIACHUELO | ● PROSTITUTAS E TRANS |
| 5 - RUA CRUZ MACHADO | ● PROSTITUTAS E TRANS |

Figura 2: Territórios por segmentos.


















Fonte: autor (2017)




Todos são reconhecidos como territórios da prostituição há décadas. O caso mais emblemático é o da Rua Cruz Machado (em especial suas imediações como as ruas Dr. Carlos de Carvalho e Saldanha Marinho), tidas como território de prostituição desde a década de 1920, conforme apontou a pesquisa documental e bibliográfica.

Observando a dinâmica espacial e temporal dos cinco territórios, constatamos que um é apenas diurno, o Passeio Público; dois são apenas noturnos, a Rua Cruz Machado e a Praça Ouidor Pardinho e outros dois, Rua Riachuelo e Praça Osório, funcionam em ambos os períodos, entretanto, com características distintas como veremos adiante.

Para elucidação dos conteúdos predominantes e levando-se em consideração os diferentes segmentos da prostituição de rua, inspirado no modelo de exposição dos resultados de Ribeiro e Mattos (1996), elaboramos um quadro explicativo (Quadro 1), com a intenção de representar a dimensão espacial da prostituição e a sua temporalidade com destaque para a alternância entre o dia e a noite no centro da cidade, assim como, expor outras informações captadas durante o trabalho de campo.

Quadro 1: Territórios da prostituição de rua no centro de Curitiba.

Dimensão Espacial		Segmentos da prostituição			Valor programa	Influência de outras atividades terciárias			Impasses e conflitos
Local	Área de abrangência	Prost	Michês	Trans	Por 30 min	Bar	Motel	Boate	Com quem?
Passeio Público	Ruas Pres. Carlos Cavalcanti e Pres. Faria		-----	-----	R\$ 30 a R\$40			-----	Associação de Moradores e Comerciantes do Passeio Público e região
Pç Osório	Trav. Jesuíno Marcondes e Rua Voluntários da Pátria	-----		-----	R\$ 30 a R\$ 50	-----			URBS; Guarda Municipal; Polícia Militar
Pç Ouvidor Pardinho	Av. Iguaçú; Av. Getúlio Vargas; R. Lamenha Lins; R. Alferes Poli, R. Nunes Machado, R. 24 de Maio	-----	-----		Mais de R\$ 100	-----		-----	Promotores imobiliários; religiosos; Moradores; Comerciantes; Polícia Militar.
Rua Riachuelo	Ruas Tobias de Macedo, Alfredo Bufren e Pç Generoso Marques		-----		R\$ 30 a R\$ 50			-----	Associação de moradores e comerciantes da R. São Francisco;
Rua Cruz Machado	Ruas Dr. Carlos de Carvalho, Saldanha Marinho, Ermelino de Leão, Ébano Pereira e Al. Cabral.		-----		R\$ 50 a R\$ 70				Grupos Neo-nazistas

Legenda: Dia  Noite  Existência  Ausência -----

Fonte: Autor, (2017)

Registramos que estes territórios estão situados em espaços que, de modo em geral, apresentam as seguintes características:

- possuem atividades de lazer representadas por casas de show, bares, restaurantes, boates e praças;
- apresentam um significativo número de hotéis de alta rotatividade que dão suporte à atividade;
- localizam-se na proximidade de pontos com alto fluxo de embarque e desembarque de passageiros do transporte coletivo intra e interurbano, incluindo as estações tubo do ônibus Expresso/Ligeirinho.

Na escala geográfica destes territórios, as ações de territorialização, muitas vezes, se concretizam em uma escala temporal de curta ou curtíssima duração e são sempre marcadas pela instabilidade, e não raro pelo confronto com o aparelho de Estado ou com outros segmentos da própria sociedade.

Com base na análise dos mapas (Figuras 1 e 2) e do Quadro 1, percebe-se que um território é ocupado exclusivamente por prostitutas no período do dia, caso do território 1 (Passeio Público). Já o território 2 (Praça Osório) é ocupado exclusivamente por michês, durante dia e noite e o território 3 (Praça Ouvidor Pardinho), caracteriza-se por ser território exclusivo das Trans, apenas no período noturno.

Outros dois territórios são mistos, pois se presencia prostitutas e Trans, caso das Ruas Riachuelo e Cruz Machado. No entanto duas ressalvas se fazem necessárias. O território 4 (Rua Riachuelo) apresenta-se durante o dia como exclusivo de prostitutas e durante a noite é que se registra a co-presença destas com as Trans que estão em maior número. Já o território 5 (Rua Cruz Machado) é subdividido entre os dois segmentos, sendo que as Trans, geralmente, ocupam o lado direito da rua (conforme a direção do trânsito), e as prostitutas, permanecem do lado esquerdo, mais próximo aos bares e casas noturnas.

Apesar de apresentarem características comuns, os territórios aqui investigados, são dotados de singularidades. Além de se diferenciarem quanto ao tempo (período do dia) e segmento da prostituição, alguns territórios são mais "fixos" (embora todos cíclicos) do que outros, como o Passeio Público (território exclusivo de prostitutas) e a Praça Osório (território exclusivo dos michês). Ambos são reconhecidos há décadas como territórios de prostituição e os impasses, embora existentes, são de intensidades menores se comparado ao território (móvel) das Trans que ocupam atualmente as imediações da Praça Ouvidor Pardinho (território 3).

Como o território trata da apropriação do espaço a partir de interesses e necessidades pré-existentes, constatamos que na Praça Ouvidor Pardinho (e suas imediações), o conflito existente por parte de moradores, comerciantes, agentes imobiliários e religiosos em relação às travestis e transexuais profissionais do sexo, se evidencia de forma nítida, já que os valores sociais (e econômicos) não são solidários entre os grupos sociais que disputam o uso deste espaço.

Desta forma, a diferença de interesses dos grupos sociais envolvidos no processo de apropriação do espaço é um fator determinante para o surgimento de conflitos no território da Praça Ouvidor Pardinho. A permanência das Trans nas avenidas Getúlio Vargas e Iguazu, mesmo que nas altas horas da noite, é objeto de críticas e campanhas, por parte de outros agentes sociais que são favoráveis a erradicação deste território. No entanto, o grupo resiste. Por meio da ocupação das calçadas (noite após noite) busca seu direito à cidade.

Desse modo, a existência dos territórios da prostituição não depende apenas de quem está dentro, mas também de atores externos, o que inclui também o próprio poder público.

Já a Rua Riachuelo, que durante o dia é territorializada por prostitutas, a noite tem nas Trans a sua territorialidade predominante, embora também com a presença de prostitutas dividindo o mesmo ponto. Assim, este território no período noturno se apresenta de forma mais flexível no que diz respeito à presença de diferentes segmentos, quando comparado ao território da Praça Ouvidor Pardinho (exclusivo das Trans).

Por sua vez, na Rua Cruz Machado, um elemento importante para ser abordado refere-se aos inúmeros estabelecimentos de comércio e serviços de entretenimento (casas noturnas), dispostos neste território, principalmente aqueles localizados nos pisos inferiores das edificações junto às calçadas, que influenciam nas estratégias de ocupação das profissionais do sexo que na rua trabalham.

Durante o dia, observa-se a presença de estabelecimentos comerciais diversos, o movimento de pessoas que residem nos prédios e hotéis de suas imediações e o movimento intenso de veículos que circulam em direção a outros locais da cidade. Já durante a noite, há uma mudança significativa de seu conteúdo em decorrência de grande parte dos estabelecimentos de entretenimento começarem a funcionar, fazendo com que arua Cruz Machado e suas imediações ganhem uma dinamicidade com a presença de prostitutas e Trans, além, é claro, de uma população que vem usufruir destes serviços. Assim, esse território é temporalmente muito bem marcado.

Embora seja um território compartilhado entre prostitutas e Trans, a Rua Cruz Machado apresenta uma demarcação quase imperceptível entre os dois segmentos, que se organizam ocupando calçadas de lados opostos, expandindo o território em dias de maior movimento (noites de sexta e sábado) para outras ruas adjacentes, como a Dr. Carlos de Carvalho e Saldanha Marinho. Deste modo, como ensina Haesbaert (2002: 93), há uma “[...] complexa rede de relações entre grupos que traçam laços de identidade com o espaço que ocupam, criam formas de apropriação e lutam pela ocupação e garantia de seus territórios”.

Na Praça Osório, captamos o conflito com relação ao uso e a apropriação do espaço pelos michês, quando estes fazem das cabines do sanitário masculino o local da realização dos programas sexuais. Fica nítido neste caso, o conflito levantado por Gomes (2006) por meio das categorias nomoespaço, que preza pelo uso normativo do espaço público e genoespço, caracterizado pela apropriação do espaço público por grupos urbanos).

Captamos que os acordos sobre a demarcação dos territórios para cada grupo segue a tradição que alguns locais têm com cada segmento, como por exemplo, o Passeio Público com as prostitutas, a Praça Osório com os michês e a Praça Ouvidor Pardinho com as Trans. Podemos dizer que há certo consenso sobre quando e onde ocupar. Tratos informais também são realizados entre os profissionais mais antigos do ponto e quando há algum tipo de impasse, acordos são firmados com o intermédio das associações e entidades de classe. Podemos inferir que tais práticas se aproximam da ideia de poder exercido de forma consensual.

Além de estar relacionado ao uso e adoção de códigos, ações discursivas e corporais, o controle também pode ser feito por meio de ameaças a possíveis invasores. Neste caso, o conceito de poder nos territórios da prostituição, vai ao encontro do seu exercício por meio da imposição.

Constatamos também que o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização⁽¹⁾, em especial, com o grupo de travestis e transexuais que ocupa a Praça Ouvidor Pardinho, tem na territorialidade da polícia um de seus principais fatores. O Poder instituído pelo estado, por meio da atuação policial, influencia de forma significativa, a mobilidade do grupo, que por sua vez resiste, seja pelo dia a dia da rua, seja pela organização e engajamento político de associações representativas que batalham em outras frentes da esfera pública.

Seguindo a linha de raciocínio de Ribeiro e Mattos (1996), acreditamos que os territórios investigados nessa pesquisa acompanham a dinâmica da própria cidade na qual estão inseridos e, uma vez estabelecidos, podem sedimentar-se durante algum tempo, tendendo à expansão caso aumente a procura do comércio do sexo. Da mesma forma, podem fragmentar-se em decorrência de invasões de outros grupos, ou mesmo, da intervenção dos poderes instituídos, levando em alguns casos à sua extinção em uma área e/ou o seu reaparecimento em outra.

Em geral, constatamos o caráter elástico dos territórios em virtude de sua capacidade de contração e expansão de acordo com o campo de forças do momento. Ecoando Souza (1995), podemos tipificar os territórios da prostituição de rua aqui investigados como regulares (se formam frequentemente), entretanto flutuantes, móveis e

cíclicos, sendo que seus limites tendem a ser instáveis e a demarcação de suas fronteiras invisíveis ocorre de forma simbólica, combinando uma direção no espaço-tempo e a legitimação de sua posse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar que o conceito de território na Geografia vem assumindo novos significados e tem possibilitado o estudo de novas abordagens, como a dos territórios informais inseridos na dinâmica do espaço urbano, como é o caso da prostituição de rua. Entretanto, investigar este fenômeno social não é tarefa fácil, seja pelos tabus e barreiras que a ele estão subjacentes, seja pela dificuldade de articular conceitos ou pela complexidade que as relações humanas revelam sobre esta prática. Todavia, como ensina Denis Cosgrove (1998: 92) “a geografia está em toda parte”.

Entendemos que a Geografia tem como compromisso refletir e procurar explicar os fenômenos sociais que permeiam o nosso cotidiano. Assim, a prostituição merece ser alvo de estudo, pois constitui um fenômeno causador de embates sociais presente no contexto dos centros urbanos. Procuramos contribuir com o temário, lançando mão de alguns conceitos, em especial, o de espaço e território, tendo na abordagem dialética a interpretação do objeto de estudo sob a ótica das tensões e conflitos que o caracterizam. Com o desenvolvimento da pesquisa, foi impossível não dialogar também com pressupostos que tratam do simbolismo e da vida cotidiana, em razão da multidimensionalidade (política, econômica e simbólica) que envolve e caracteriza a dinâmica dos territórios da prostituição no centro de Curitiba.

Vimos que o cotidiano da prostituição de rua no centro de uma metrópole como Curitiba não é homogêneo e tampouco estável. Muito pelo contrário, é composto de impasses, conflitos, hierarquias e identidades socioterritoriais. A prostituição precisa do centro da cidade pelo fluxo de pessoas (e clientes) aí existentes e pelo anonimato que a multidão oferece. Uma forma de afirmação territorial evidenciada nesses territórios, em especial nos noturnos, é a comunicação por meio de posturas corporais e de códigos de conduta, numa clara intenção de diferenciação das outras pessoas.

Verificamos que por meio da vivência territorial da prostituição, os diferentes grupos (segmentos), ao promoverem a territorialização do espaço, reafirmam suas identidades por meio destes territórios, caracterizando-os como reflexo e condicionante para a reprodução das relações sociais de poder.

Devido à dificuldade de se defender de outros grupos (seja de dentro ou de fora da prostituição), profissionais do sexo em geral tendem a se organizar em grupos e assim, seus territórios possuem uma especificidade bastante marcante, que consiste no fato de haver uma separação territorial dos diferentes segmentos. Isso ficou evidente na exclusividade de três dos territórios aqui investigados: o Parque Passeio Público (de prostitutas), a Praça Osório (de michês) e a Praça Ouvidor Pardini (das Trans).

As observações em campo deixaram evidente que cada grupo delimita seu próprio território e, quando existe a co-presença de diferentes segmentos - caso das Ruas Riachuelo e Cruz Machado (ambas no período noturno) - as distintas territorialidades de prostitutas e Trans podem se apresentar de forma bastante tênue, quase imperceptível. No entanto, elas existem. Um exemplo elucidativo disso são os dois lados da Rua Cruz Machado que, separados por poucos metros, servem de referência para prostitutas (de um lado) e para as Trans (do outro).

Entretanto, esclarecemos que a territorialidade dos diferentes segmentos da prostituição de rua é definida não apenas pela iniciativa desses agentes, mas por outros fatores que vão influenciar de forma decisiva na construção e desconstrução desses territórios. Entre eles, estão às intervenções frequentes por parte do poder público, principalmente por meio da atuação policial e/ou por iniciativa de vereadores (caso do

embate com as Trans profissionais do sexo que atuam nas imediações da Praça Ouvidor Pardino), entretanto, percebemos que em outros territórios (Passeio Público e Praça Osório), o poder público, representado pela atuação policial não se mostra tão incisivo.

Assim, não buscamos analisar o fenômeno como um sistema rígido e imóvel. Acreditamos que o centro da metrópole é, antes de tudo, uma totalidade, ou ainda, um conjunto de múltiplas totalizações processadas no espaço geográfico, e são essas totalizações que deliberam acordos e conflitos no cotidiano da prostituição de rua.

O engajamento político e a representatividade dos/das profissionais do sexo por meio de associações e entidades de classe, vem possibilitando, a duras penas, um caminho para o diálogo. É na cidade (campo da política, dos conflitos e da utopia) que as novas experiências podem eclodir, numa capacidade de mobilização e inteligência crítica.

Diante deste cenário, resgatando os ensinamentos de Massey (2008), mais do que uma Geografia que se debruce nas diferenças, temos que pensar (e praticar) geografia(s) pautada(s) no esforço de compreensão da diversidade, pensada aqui em suas múltiplas dimensões espaciais e territoriais. Tomando de empréstimo a expressão literária do poeta Reinoldo Atem (1982) podemos dizer que a “Urbe urge” e, porque não, a geografia da prostituição também.

Nota de Referencia

¹ Corrêa (1995) explica que desterritorialização tem o sentido de perda de território apropriado e vivido em decorrência de diferentes processos originados de contradições capazes de desfazerem territórios, ao passo que reterritorialização refere-se à criação de novos territórios, seja por meio da reconstrução parcial, *in situ* de velhos territórios, seja através da recriação parcial, em outro lugar, de um novo território, que contém características do antigo.

Referências

ALCÂNTARA, Jean, Moreira. **Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus** / Jean Moreira Alcântara. - Manaus: UFAM, 2009.

ATEM, Reinoldo. **Urbe urge**. Curitiba. Zéblue, 1982.

CAMPOS, Heleniza Ávila. Permanências e mudanças no quadro de requalificação espacial de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central do Recife. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, pp. 25-43, jul./dez. 2000.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, I. E.; CORREA, R. L.; GOMES, P.C.C. (Organizadores) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. *et alli*. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Trajetórias geográficas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: 2ª edição, Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004/2012.

_____. Território e região numa “constelação” de conceitos. In: MENDONÇA, F. A.; LOWEN-SAHR, C. L.; SILVA, M. Da. (orgs.). **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMADAM, 2009.

_____. Dilemas de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.) **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 95-120.

LIMA, Michel Brito de. **Territorialidades da prostituição nos limites entre as cidades de Belém e Ananindeua no Estado do Para**. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre - RS, 2010.

MARCONI, Marina. de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Revista Território**. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro. Jul/ Dez, 1996, p. 59 – 76.

ORNAT, Márcio José. Sobre espaço, gênero e sexualidade. **Terr@ Plural**, n. 2, p. 309 322, 2008.

_____. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil** / Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

PIMENTEL, Ivan Ignácio. e BARBOSA, Ana Carolina Santos . A Invisibilidade do Ser e a Visibilidade do Prazer: A Identidade Travesti e a Formação do Espaço Simbólico no Bairro da Glória - RJ. In: 2º Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2010, Belém. **Anais do 2º Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia Norte**, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Miguel. Ângelo; OLIVEIRA, Rafael. Silva. **Território, Sexo e Prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

SILVA, Joseli. Maria. Culturas e Territorialidades Urbanas. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 5, nº 2, p. 9 – 36, Inverno de 2000.

SOJA, Edward. **The political Organization of Space**. Washington, D.C: AAG Commission on College Geography. 1971.

SOUZA, Marcelo. Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. *et alli*. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. **GEOgraphia**, ano IV, N° 7 jan./jun. 2002.